

As filosofias e as tecnologias de terreiro sob a interferência das narrativas de Exu e dos caboclos: uma análise antropológica de experiências baianas

Marlon Marcos Vieira Passos¹ 

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Brasil

*Autor de correspondência: ogunte21@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Caboclo
Exu
Pedagogia cabocla
Pedagogia das encruzilhadas
Transnação

KEYWORDS:

Caboclo
Cabocla pedagogy
Crossroads pedagogy
Exu
Transnation

PALABRAS-CLAVE:

Caboclo
Exú
Pedagogía cabocla
Pedagogía de la encrucijada
Transnación

RESUMO

Este ensaio se propõe a analisar as chamadas tecnologias de terreiro em suas expressões como filosofias e epistemologias soerguidas das ancestralidades afroindígenas praticadas e sentidas pelas comunidades de candomblé da Bahia, numa perspectiva antropológica, a partir das minhas últimas pesquisas acerca das atividades civilizacionais destas casas em seus cultos ordinários, destacando as figuras divinas, filosóficas e pedagógicas de Exu e do Caboclo. Trago aqui o meu sentimento do mundo em cosmopercepções desenvolvidas em mim como nativo do candomblé e como pesquisador encarnado nessas questões que me compõem como pessoa humana. O terreiro é fazedor de filosofias e tecnologias e suas divindades se nos apresentam como epistemologias que nos incitam a conhecer o mundo da vida através da ancestralidade afroindígena que nos traduz como povo, como nação. É um ensaio que percorre as estradas da rua com Exu, e os cainhos do mato com o Caboclo. Sente a pedagogia das encruzilhadas com Luiz Rufino, e a partir de um exercício conceitual meu, trago a noção de pedagogia cabocla em cruzos com o meu conceito de transnação usado para negar a ideia de pureza ritual nas nações do congo-angola, jeje e ketu, sentidas nos candomblés entre Salvador e o Recôncavo baiano.

ABSTRACT

This essay aims to analyze the so-called terreiro technologies in their expressions as philosophies and epistemologies raised from the Afro-indigenous ancestries practiced and felt by the Candomblé communities of Bahia, from an anthropological perspective, based on my latest research on the civilizational activities of these houses in their ordinary cults, highlighting the divine, philosophical and pedagogical figures of Exu and Caboclo. I bring here my feeling of the world in cosmoperceptions developed in me as a native of Candomblé and as a researcher embodied in these issues that make me up as a human person. The terreiro is a creator of philosophies and technologies and its deities present themselves to us as epistemologies that encourage us to know the world of life through the Afro-indigenous ancestry that translates us as a people, as a nation. It's an essay that covers the streets with Exu, and the forest trails with Caboclo. Feel the pedagogy of crossroads with Luiz Rufino, and based on a conceptual exercise of mine, I bring the notion of cabocla pedagogy at crossroads with my concept of transnation used to deny the idea of ritual purity in the nations of Congo-Angola, Jeje and Ketu, felt in the Candomblés between Salvador and the Recôncavo of Bahia.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo analizar las tecnologías llamadas terreiro en sus expresiones como filosofías y epistemologías levantadas desde las ascendencias afroindígenas practicadas y sentidas por las comunidades candomblé de Bahía, desde una perspectiva antropológica, a partir de mis últimas investigaciones sobre las actividades civilizatorias de estas casas en sus cultos ordinarios, destacando las figuras divinas, filosóficas y pedagógicas de Exu y Caboclo. Traigo aquí mi sentimiento del mundo en las cosmopercepciones desarrollado en mí como nativo del Candomblé y como investigador plasmado en estas cuestiones que me conforman como persona humana. El terreiro es creador de filosofías y tecnologías y sus deidades se nos presentan como epistemologías que nos alientan a conocer el mundo de la vida a través de la ascendencia afroindígena que nos traduce como pueblo, como nación. Es un ensayo que recorre las calles con Exu, y los senderos del bosque con Caboclo. Siente la pedagogía de la encrucijada con Luiz Rufino, y a partir de un ejercicio conceptual mío, traigo la noción de pedagogía cabocla en la encrucijada con mi concepto de transnación utilizado para negar la idea de pureza ritual en las naciones del Congo-Angola, Jeje y Ketu, sentidos en el Candomblés entre Salvador y el Recôncavo de Bahía.

1. Azuelas iniciais

O terreiro, como são chamados os espaços sagrados que formulam a territorialidade das religiões de matrizes africanas no Brasil, na história deste país serve como elemento civilizacional, como fonte geradora de conhecimento e fazedora de sabedorias – instrumentalizando pessoas ao exercício da ancestralidade em diálogos com o tempo presente, valendo-se não só de arsenais religiosos como, principalmente, dos arsenais filosóficos, artísticos e sociais que caracterizam as nossas sociedades.

O terreiro imprime sociabilidade e forja seres humanos em confluência com seres não humanos e nos envia ao convívio constante com narrativas míticas e práticas rituais que afetam nosso sentimento do mundo, altera nossa cosmopercepção e nos diviniza na perspectiva afroindígena de sermos corpos-abrigo do sagrado no qual acreditamos e praticamos a favor da vida e em respeito à morte.

O presente ensaio se inclina a analisar o papel do terreiro como salvaguarda histórica e socioantropológica das filosofias e tecnologias de origens africanas e de muitas culturas indígenas que foram apagadas da historiografia e do sistema educacional oficial brasileiro, mas que sobreviveram na memória da nossa pele e de nossas existências enquanto povo e o papel estruturante dos terreiros nessas experiências foi de suma importância.

O terreiro é a quintessência espacial da diversa sociedade brasileira. Sua dinâmica cultural se expandiu para várias áreas do nosso sistema social, afetando nossa ciência, nossas artes, culinária, arquitetura, indumentárias, lazer, religiosidades, maneiras cotidianas, relações com a natureza. Há um vasto arsenal ecológico nos saberes e fazeres exercidos pelos povos de terreiro. Há a salvaguarda de tradições africanas alinhadas às culturas indígenas e lusitanas que deram cor e sabor à nossa musicalidade corporeidade sentimento e que nos perfilaram como um povo negromestiço fundamentado em uma pluriversidade que muito se traduz naquilo que Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau (2024) chamou de cosmologia bantu.

O lugar do terreiro deveria nos acometer a um sentimento geral de pertença. Isso de pertencer (LISPECTOR, 1999) como a imprescindível sensação que nos dá

sentido à vida. O terreiro deveria ser apreendido como o útero gerador de um povo específico como o brasileiro, erguido de resistências e lutas aquilombadas, onde a predominância negra deveria ser lida e praticada como protagonista na centralidade das nossas relações socioexistenciais. Um protagonismo baseado em filosofias da ancestralidade (OLIVEIRA, 2012; NASCIMENTO, 2016), que permitem e propõem leituras do mundo em relações horizontais, simétricas, irmanadas na lógica do Ubuntu, em confluências (BISPO DOS SANTOS, 2023) que nos congregam respeitando nossas diferenças sem hierarquias e colonialidades. Um protagonismo utópico que evite a inversão das opressões cometidas pela branquitude, e que zele e trabalhe por um mundo baseado no respeito e no acolhimento das nossas diferenças raciais e culturais definidoras das humanidades que compõem o planeta neste instante.

Antes eu pensava no chão do Brasil como o asfalto citadino próximo de mim em minha condição de sujeito urbano. Mesmo sendo criado desde criança em terreiro, não entendia aquelas experiências como fundamentais e regradoras de uma outra sociabilidade, longe do individualismo e das agressões diárias à natureza e à nossa convivência como seres humanos. Fui crescendo e apreendendo o terreiro como minha escola maior para vida, por conta da minha fé e por causa das minhas buscas existenciais mais profundas. Cresci e sinto o terreiro como extensão de mim. A voz da minha mametu dizendo: “tá gastando água, é? Tá desperdiçando Mamãe”. Eu, um filho das águas, de lemanjá e Oxalá, deveria cuidar das águas nessa dimensão de parentesco: as águas são minha mãe e meu pai espirituais. Aprendi a tecnologia da preservação à luz de uma pertença ancestral que me foi vivenciada, no total de mim, na minha casa de candomblé, meu terreiro.

O exemplo acima afirma o que podemos cosmoperceber como tecnologia, técnica empreendida na feitura de algo ou numa ação comportamental reagindo aos estímulos da vida. O terreiro gesta tecnologias baseadas em filosofias afroindígenas que sempre nos apontaram o futuro como ancestral (KRENAK, 2022), nos levando a sentir “os caminhos secretos da natureza”, como nos embelezam os escritos de Clarice Lispector, na crônica A descoberta do mundo (LISPECTOR, 1999, p. 115). A tecnologia do cultivar a terra e plantar as ervas medicinais, de preparar o peixe, de alimentar o mistério dos atabaques, falar kicongo, kimbundo, fon e

iorubá. A tecnologia da escuta. E do cântico sagrado e profano. A tecnologia da ancianidade e o valor inestimável do passar do tempo para a construção da sabedoria. A tecnologia da alegria que elabora as festas e a diversão. Entre uma enormidade de possibilidades tecnológicas, o terreiro vigorou dos quilombos, dos calundus, e chegaram até aqui instrumentalizados e instrumentalizando o Brasil de várias possibilidades criativas e educativas, interferindo em nossa ordem social, ainda que sejam renegados, vilipendiados e violentados pelo racismo cotidiano que se volta contra os negros e os indígenas nesse país.

Portanto, o intuito desse ensaio imerso em filosofias e tecnologias salvaguardadas por nossos terreiros, mais precisamente os terreiros de candomblé da Bahia, em especial nas regiões do Recôncavo e Salvador, flui de uma busca analítica sobre a interferência e composição espiritual e científica de duas entidades centrais aos cultos de matrizes africanas no Brasil: Exu e caboclo. Uma de origem nas profundezas das cosmologias africanas, senioridades dos caminhos, ligação entre a matéria e o transcendente, o fogo da vida, o caos e a atemporalidade. A outra erguida das misturas humanas indígenas no território brasileiro, somada a elementos espirituais de tradições africanas aqui trazidas, denotando a terra, o chão, as matas. Duas entidades espirituais de profunda devoção popular entre nós. Duas filosofias. Duas epistemologias nos ensinando a viver a partir dos desenhos tecnológicos que a ancestralidade vivida nos terreiros nos logrou como herança cultural mais significativa.

2. Algumas descrições para Exu

Na vertente iorubana, como descreve a educadora Vanda Machado (2010), Exu é o senhor dos caminhos e da alegria. Proponente do caos, aquele que gera o conflito para causar a transformação. Em Vagner Gonçalves da Silva (2022 p. 39): “Exu atravessa as encruzilhadas do Atlântico e mistura os dados das etnografias”. Para o Mawó Adelson de Brito (2018, p. 16) Exu é: “essa força autônoma e insondável que a todos cerca”. Para Leda Maria Martins (1997), “Exu é o corpo-encruzilhada”, a epistemologia africana dos caminhos.

Dos orixás, inquices e voduns mais maltratados pelo racismo religioso brasileiro, EXU/ Inzila/ Legbá é a força fundamental para a ligação entre os corpos

encarnados no Aiyê (terra) e os desencarnados no Orum (espaço ancestral), é a energia da comunicação e da vitalidade sexual e criativa. Fazedor do caos e da brincadeira, sua característica mais importante é o movimento. Exu em confluência com Ori, guia os indivíduos ao seus oduns, destinos, caminhos. Seu tempo é o movimento espiral danificando noções de linearidade cronológica: Exu matou um pássaro hoje com uma pedra que atirou ontem, como ilustra este adágio popular iorubano. Entidade da atemporalidade, ele o mais próximo dos seres humanos e conflui através do falo a continuidade do corpo humano em seus trajetos criativos e civilizacionais.

As narrativas sobre Exu o apresentam como uma entidade do fogo e a força espiritual que dá caminho. Cria os caminhos evolutivos e involutivos da humanidade. Ao fluir pelos seus itans (histórias), os indivíduos espelham-se em sua própria humanidade, e entende o valor necessário das contradições, das nossas encruzilhadas psicológicas que perfilam a personalidade de cada um. Exu desintegra os maniqueísmos, e imprime nas trajetórias individuais a necessidade da liberdade como o sentido mais profundo em nossas vidas. Exu relativiza o bem e aciona o mal se assim lhe for oportuno. Mistura mágica e feitiço e brinca de ser o diabo criado pelos indo-europeus. Exu é uma episteme sofisticadíssima porque confunde ao mesmo tempo em que revela os caminhos dos seres humanos em consonância com os não humanos.

Para sentir, em profundidade, as simbologias que compõem as narrativas sobre Exu, basta pousar os sentidos em uma Encruzilhada. Perguntar, assim, sobre a dinâmica dos caminhos e qual se deve seguir. Sentir as cosmopercepções sobre este lugar de possibilidades, entre medo e alegria, surpresa e determinação, esperança e mistério, sorte e astúcia, vida e morte. Exu entrecruza os movimentos e torna a jornada mais perigosa, porque ele sabe que toda existência é complexa e cumpre o seu destino. O perigo por ele oferecido é para demonstrar a dádiva que é a vida e obrigar a humanidade a valorizá-la e ter responsabilidade com sua travessia individual, mas destinada à coletividade.

Senhor do infinito, em Exu estão as filosofias africanas sobre temporalidade, espacialidade, sagacidade, sexualidade, tenacidade, inventividade, complexidade, contradições, conhecimento. As estradas entrecruzadas numa poética da vida que guiam a humanidade em sua saga existencial. Exu é a força

revelada das porteiras e o mistério abrasador do caos. Infinito. Antropofágico no sentido relacional das culturas. Ele é a boca que tudo come, é o corpo divino que tudo aprende. Essa sua antropofagia filosófica Exu nos ensina a ética da coexistência, a importância da convivência com as diferenças, o tudo que é comido se transforma na força epistêmica e sintética que Exu traz em si e, às vezes, quando quer, reparte com a humanidade.

3. Algumas descrições para o caboclo

Há quem diga que, em uma perspectiva espiritual, o caboclo é o genuíno ancestral territorial do Brasil: o dono da terra (SANTOS, 1995). Sua presença nos terreiros transdiz muito das histórias de encontros e desencontros entre indígenas, negros e brancos no período colonial brasileiro. O ser caboclo é sentido como elementos espirituais de origem indígena, é como se cada manifestação de caboclo fosse a alma indígena vivendo o cotidiano das religiões de matrizes africanas entre nós. Uma entidade de difícil definição, que sofre várias acepções discrepantes entre si pelo vasto território nacional. O caboclo como é entendido na Bahia, passa a ter outro sentido e outros significados no Maranhão e no Pará, por exemplo.

A partir de uma fenomenologia do candomblé na Bahia, em especial entre Salvador e o Recôncavo, é que apresento possibilidades descritivas dessas experiências religiosas, onde o caboclo é cultuado como uma herança espiritual deixada por nossos antepassados chamados de povos originários. O caboclo é o índio. Há o de pena. E os de couro – boiadeiros e tropeiros do sertão baiano. Há os beberões – espíritos de marujos e do povo marinho das praias e dos portos baianos. Diverso em muitas narrativas, o caboclo é um ser para ser cantado. Os cânticos trazem suas histórias, seus pertencimentos, seus lamentos, suas glórias. Sentir o caboclo é mergulhar nas matas profundas, é viver as plantas e os animais, é ter a floresta como parente, é voltar-se para o mais simples da vida, os pés nus tocando a terra, é dançar o toré festejando as estações do ano.

Eu sinto o caboclo e a cabocla como a máxima do encantamento que sustenta o dia a dia dos terreiros. Eles chegam cantam ensinam. E sambam. Desdobramentos de nossos indígenas em sintonia com as cosmologias bantu. O

caboclo é o indígena brasileiro, o indígena do congo, o indígena angolano, o indígena iorubano, o caboclo é um ser transbordamento. Uma borradura crucial para exprimir à antropologia e aos olhares “de fora”, a sua complexidade ontológica como uma divindade do candomblé. Ele existe pelas bordas sendo o centro construtor dos terreiros. Há casas de nação ketu e ijexá que o cultuam fora de seus barracões como se eles não pertencessem àquelas nações. Na Bahia, caboclo é o espírito indígena curador e construtor de terreiros. A entidade que faz a consulta, ensina o ebó (oferenda espiritual), a folha, a beberagem, dá conselhos e atrai clientes que viram filhos e se agregam construindo a comunidade-terreiro a partir da intervenção desses seres centrais ao culto afro-brasileiro.

Caboclos são seres educativos, eles formulam narrativas que ensinam valores e maneiras de existir à luz da moral que guia suas comunidades. São seres feitos de dança, uma dança cósmica inclinada a integrar o humano à natureza de si mesmo. Nessa dinâmica de integração é que reside o poder de cura dos caboclos e a sua necessária intervenção como os médicos das comunidades-terreiro. Cântico e dança, pajelança, azuela bantu, salva de entrada, salva de saída. Há caboclo que não gosta de batuques, kizombas, não dança, mas salva e ensina... As narrativas são composições pedagógicas e funcionam também como sotaque. Caboclo diz desaforo da maneira poética, é um repentista, o “dizador” de pilhérias e indiretas contra a todos e a tudo que o desafiam.

“Gostou do índio, por que não vem ver? / Se é caboclo venha obedecer/ Eu sou caboclo porque visto pena / Venha ver a força que tem a jurema”, Catitumba, que é caboclo, brada aos quatro cantos do barracão convidando seus irmãos a incorporarem para que juntos façam a festa (kizomba): vivi várias vezes essa experiência quando adolescente pertencia ao terreiro Ilê Axé Adejemin, de mãe Lelu de Iemanjá, no bairro do Pau Miúdo, em Salvador da Bahia, nos idos de 1984, 85, 86. Experimentar o caboclo era, em mim, tocar a pele viva do candomblé, encontrar ali todas as entidades as quais cultuávamos: orixás, exus catiços, ancestrais divinizados, caboclos, erês, encantados da terra, do fogo, da água e do ar. Caboclo nos trazia tudo e era o chão espiritual que nos sustentava. Tinha medo e fascínio. Odiava a fumaça dos charutos. Amava profundamente as salvas tristes e comoventes e aprendia lições para a vida toda. O índio Catitumba, professor bravo, às vezes perverso, mas sempre curador.

Em minha experiência juvenil, como um filho de terreiro, caboclo me foi ensinado assim:

Caboclo tinha que ser forte, saber cantar, desafiar hierarquias, pisar em brasa, comer salada de urtiga e cansaço, dançar no ritmo do samba, pular de energia, abraçar com certeza, dizer e escutar e, mais do que tudo, "caboclo de verdade", era para curar. Talvez o sentido maior da minha experiência como nativo do candomblé repouse na ideia de caboclos são entidades curadoras, aquelas que dizem a beberagem, ensinam a folha, dão o sacudimento, avisam quando se deve buscar o "moço do anel" (médico) e apontam as demandas espirituais dos humanos que os procuram (MARCOS, 2022, p. 27).

Trago essas experiências para a vida inteira, em todas as minhas fases, sem saber descrever o caboclo com precisão, mas sentindo-o e vendo-o em suas manifestações nos terreiros, formulando poemas e canções que ensinam suas tecnologias afirmadas em tradições afroindígenas no vasto território brasileiro.

4. Exu e o Caboclo como ontologias e epistemologias na civilização brasileira

Exu é o pai das circularidades, senhor do tempo espiralado, o que começa sem terminar e é o meio em todos os fins, uma história em atemporalidades, aquele que liga os encarnados do Aiyê (terra), através do Padê (ritual de culto a Exu e à ancestralidade) ao lugar dos ancestrais. Exu é a voz, o sêmen, a alegria, o caos, a civilização. A encruzilhada é a sua morada e o seu mistério. É a sua revelação. Exu come pela boca e pelo falo. O ogó é a sua arma e a faca a sua proteção. Exu também é fêmea. Exu é orixá. A dança fluida do infinito trazendo o primeiro ser humano. O caminho. A retranca. A realização da vida em cruzamentos. A estrada larga. O caminho estreito. Brado revoltado pelos ares da diáspora. Exu é o silêncio movendo-se na quentura de fogo do dendê.

Caboclo é o filho das matas. O seu maior protetor. É a raiz do pau-brasil. Energia presente em todas as religiões afro-brasileiras. Caboclo mora na abóbora e come fumo. Instaura a cura através das ervas. Domina os segredos das florestas. Protege os animais. É a força guerreira que ensina a paz. Caboclo é o outro nome da vida. Irmão aquilombado de Exu. Caboclo é trilha de mato. Rolo de fumo prensado. Caboclo é o verdeamarelo da esperança. A dança circular que traz chuva, abre o sol, instaura a cura. A dança sincopada dos indígenas escondidos

nas densas folhagens. Caboclo é sobrinho dos rios e neto dos mares. A terra. Entidade da fala e das narrativas pedagógicas: o sotaque como ensinamento. Caboclo é o chão da nossa gente. É a imagem do tupinambá no alto de um monumento no Campo Grande (Salvador da Bahia) pisando a cabeça de todas as opressões. Caboclo é a ontologia da liberdade.

As narrativas acima só me foram possíveis por conta dos ensinamentos que vivi nos terreiros de candomblé e umbanda. Saber sobre os domínios de Exu e do Caboclo é receber o rumbê (educação) dado pela ancianidade ritual que educa a juventude ritual, numa relação de aprendizagem que concebe a ancestralidade como uma epistemologia que nos faz conhecer e reconhecer as culturas africanas e indígenas como mães soberanas das nossas existências. O princípio da ancianidade que denota o respeito incondicional pelo “mais velho”, dialoga com o princípio do noviçado que está na presença de indivíduos que perfilam o que chamo aqui de juventude ritual. Juventude ritual é uma categoria analítica para compreender as pessoas que são recentes no universo do candomblé e são classificadas em termos etários a partir da sua chegada na casa e do seu tempo de iniciação nos moldes desta religião. Por exemplo, uma pessoa de meia idade recém chegada numa casa, será sempre mais jovem, ritualmente, que um adolescente iniciado desde criança. A juventude ritual revela aqueles que são principiantes frente a ancianidade que determina que, em relação ao santo, “antiguidade é posto”.

Sentir as narrativas de Exu e do Caboclo e suas formulações filosóficas, entender o fenômeno do rumbê orientando noções como ancianidade ritual e juventude ritual, alcançar os ensinamentos ecológicos do terreiro sobre a preservação das águas e o cuidado profundo com a terra, tomar ciência da ação curativa das plantas ali cultivadas, saber cantar e dançar à luz de narrativas míticas, falar kicongo, kimbundo, umbundo, fon e iorubá, é participar disso que muitos pesquisadores chamam hoje de tecnologias de terreiro, que sempre existiram, ao longo da colonização, nos quilombos e nos antigos calundus (formas de territórios espirituais e políticos), dentro da cosmologia bantu, que deram origem ao atual candomblé.

As tecnologias de terreiro estão dentro de todo arsenal civilizacional que os africanos aqui chegados, e que juntamente com os indígenas nativos, nos legaram

historicamente. Grande parte do melhor como inventividade estética, por exemplo, salvaguardada nos terreiros, estão presentes na chamada Música Popular Brasileira, em nomes como : Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, João Bosco, Vinicius de Moraes, Djavan, Nelson Rufino, Chico Buarque, Edu Lobo, Djavan, Zeca Pagodinho, Baden Powell, Aldir Blanc, Bete Carvalho, Maria Bethânia, Gal Costa, Zezé Motta, Alcione, Dorival Caymmi, Jorge Benjor, Roberto Ribeiro, Agepê, Riachão, Ederaldo Gentil, Luiz Melodia, Elis Regina, Nana Caymmi, Clara Nunes, Paulo César Pinheiro, Hermínio Bello de Carvalho, Paulinho da Viola, Clementina de Jesus, entre outros.

Ao valorizarmos essas tecnologias, analisando suas interferências em nossa sociedade, rompemos com os ditames coloniais que cometeram epistemicídio invisibilizando os conteúdos científicos, filosóficos e culturais produzidos em nossos terreiros e no seio popular do Brasil. Isso dito aqui, pode ser endossado pelo pensamento dos pesquisadores e educadores Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino:

Assim, o carrego colonial, mais que identificar as múltiplas faces de operações exercidas pela maldição colonial, nos convoca à obrigação, em termos ancestrais, de despachar as obsessões cartesianas e as assentadas em um cristianismo cruzadístico inimigo das diferenças para avivarmos horizontes plurais, cosmopolitas e ecológicos em que a vida seja expressa como força inacabada e por isso impossível de ser capturada por um único sentido. Assim, pactuar com a responsabilidade de exercer caráter comprometido com a diversidade, conhecimento e inacabamento do mundo é um dos principais ensinamentos de Orunmilá (SIMAS; RUFINO; 2019, p. 23).

Essas assertivas corroboram com outra perspectiva tecnológica ensinada nos terreiros: não se aprende só com a visão e o pensamento, se aprende com todos os sentidos, com todo o corpo numa cosmopercepção do mundo e não tão somente com a chamada cosmovisão dos gregos. Audre Lorde (2019, p. 45) nega a máxima cartesiana do *penso, logo existo*, para *sinto, logo coexisto*. O sentimento do mundo, a existência no mundo da vida se projeta em sentimento que abriga o pensamento, que seria uma das muitas possibilidades de se aprender e apreender conhecimento e a partir daí, exercer sabedoria (INGOLD, 2019).

São alguns elementos da sabedoria de Exu e do Caboclo que procuro vincular neste ensaio. O ser risonho e poderoso que atende as demandas humanas e cria os caminhos. O outro ser, às vezes compenetrado, outras jocoso, caminho

do mato, que faz o samba e traz a cura e instaura conhecimento entre os viventes do terreiro. Exu e Caboclo trazem formulações em nosso dia a dia, ensinamentos que estão dentro das cosmologias bantu, iorubana, jeje e indígenas, que tecem comportamentos, que ensinam a sentir o passar do tempo, a analisar nossas caminhadas, a escolher os atalhos que nos oferecem a estrada do nosso destino. É de Exu a intuição da melhor caminhada e a alegria para as nossas motivações. Exu auxilia Ogum na descoberta de novas tecnologias, acelera ou estagna os desígnios de Ifá, proporciona o caos como libertação, espirala o tempo das existências nos informando a urgência do agora, sem nunca desconsiderar o domínio da ancestralidade. O Caboclo nos convida à escuta, ao autocuidado com a alma e o corpo, ao cuidado comunitário, à valorização do conhecimento, à inventividade cotidiana, à ontologia da nossa condição de ser-natureza parente dos outros animais, dos rios, da terra, das florestas, do fogo, do ar, dos mares, das chuvas, dos ventos. Caboclo ensina a tocar, a dançar, a cantar e, principalmente, a fazer silêncio nas horas certas.

O terreiro é uma escola pluriversal alicerçando relações constantes entre humanos e não humanos e nos dando o difícil desafio da coexistência baseada no respeito às diferenças individuais e ao cultivo da nossa condição como ser-comunidade. O terreiro é uma escola-universidade montada por várias filosofias que emergem em pedagogias, as mais diversas, sendo que todas situam-se na filosofia da ancestralidade (OLIVEIRA, 2012), e nos orientam em nossa infinita aprendizagem. Luiz Rufino (2019) fala da pedagogia das encruzilhadas que nos permite alcançar, com mais propriedade compreensiva, as complexas relações sociais e raciais no Brasil, pelos ensinamentos das filosofias praticadas nas comunidades de candomblé e os seus atravessamentos em nossas estruturas racistas e elitistas. Reforçando esta compreensão, intuo uma pedagogia cabocla, baseada na figura-mestre do ser-caboclo, o dono da terra, o espírito vivo dos nossos antepassados indígenas, que busca cuidar da alma para tratar o corpo, que usa da narrativa, da fala em salvas, cânticos e sotaques para ocasionar melhoras em nossas vidas, em verdadeiras ações educativas que nos fazem, ontologicamente, mais integrais.

Na ancestralidade afroindígena, salvaguardada nos terreiros, a palavra tem agência e poder. A palavra cria e cura, como na psicanálise de Sigmund Freud e

Jacques Lacan. Exu é o senhor da comunicação, aquele que fala todas as línguas humanas e das divindades, sobre esta habilidade exuânica, Mawó Adelson de Brito narra:

Como multi linguista, Lebá conhece a linguagem cósmica e a linguagem terrestre. Ele permite ao homem falar com os deuses e que os deuses falem com a humanidade. Entretanto, divindade tão poderosa, e ao mesmo tempo tão próxima do ser humano, Lebá tende a fazer truques e negociar com as informações que ele possui. Essa atitude teria como finalidade manter os homens humildes e cientes da dependência das divindades para cumprir as suas respectivas trajetórias sobre a superfície do planeta (BRITO, 2018, p. 19).

Está em Exu, em seus cruzos epistemológicos, o movimento que nos acomete às mudanças. Nem sempre se muda para melhor e Exu cuida disso também. Ele é o senhor das contradições. Exu, em suas narrativas, afetou o imaginário artístico-cultural brasileiro. Na literatura de Jorge Amado, de modo pioneiro entre os grandes escritores brasileiros, ele aparece várias vezes e, em uma delas, abre o livro Guia de ruas e mistérios: Bahia de Todos os Santos, assim:

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá dos mais importantes na liturgia dos candomblés, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso (AMADO, 2012, p. 21).

O terreiro afeta o imaginário de nossa gente ainda que, muitos entre nós, o maltratam e o dessacralizam, ele segue cumprindo uma missão espiritual e civilizatória na sociedade brasileira. Graças a Exu.

4.1 A pedagogia cabocla e a transação

O Caboclo é uma ontologia de cura. Essencialmente, o seu ser se constitui de folhas e frutos que promovem saúde ao corpo e a alma do ser humano. Sua presença nos terreiros é socioeducativa e nos convida à escuta e à prática de

novas posturas nossas diante das adversidades e dos desafios cotidianos. A ação desse ser encantado denota a existência disso que chamo aqui: pedagogia cabocla, esta que ensina o lugar de escuta, das correções comportamentais que violentam a convivência, a que nos obriga a amar a natureza como nossa mãe, nosso pai, e gera processos transformativos através das palavras e das ervas medicinais que estão dentro das chamadas tecnologias de terreiro.

O terreiro é um espaço de pluriversidade que se soma a muitas matizes culturais de várias procedências africanas, interferências branco-católicas e, as agora em destaque, interferências espirituais e culturais indígenas que originam a pedagogia cabocla que trago aqui como um conceito que me ajuda a entender o fenômeno espiritual-educativo que assisto na presença dos caboclos. Essa pedagogia cabocla entrecruza-se o conceito de transnação que usei na minha tese de doutorado, *Iyá Zulmira de Zumbá: uma trajetória entre nações de candomblé*, defendida em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da UFBA, que traz a seguinte explicação:

Transnação é uma forma que encontrei para entender, em níveis de uma possível classificação, o que ocorre no encontro de nações que acontece no terreiro Tumbenci. Os nativos não se pensam e nem se dizem pertencentes a uma transnação, ao contrário, como disse anteriormente, seus discursos buscam uma definição frente aos rituais em que se diferenciam as nações ali cultuadas. O que eu observo, conduz-me a entender que, em muitos aspectos, existe na aparente distinção uma ação de mistura. Na experiência Tumbenci mais profundamente, onde meu olhar está treinado para encontrar as distinções entre nações, percebo mudanças significativas ocasionadas pelo convívio entre três tradições (angola, jeje, ketu), permeadas ainda de elementos espíritas e dos caboclos. Essas mudanças dão origem ao que chamo transnação, de forma analógica a como se criou a noção de transdisciplinar – pela impossibilidade de se categorizar a construção de conhecimento, na contemporaneidade, a partir da distinção disciplinar (PASSOS, 2016, p. 45).

Se faz importante salientar que a transnação como conceito não cria uma nova nação ritual, ela esboça uma tentativa analítica de demonstrar os processos transformativos que se modificam e se preservam, ao longo dos anos, nas experiências entre nações nos candomblés da Bahia. A transnação espelha convívio e não nega as características definidoras de cada nação, tão somente, este conceito ajuda a entender as transformações e a delinear com mais nitidez a inexistência de pureza ritual e que, desde início do processo de saída e chegada

dos humanos negros escravizados, as nações se entrecruzaram num processo de irmandade e trocas simbólicas para a sobrevivência que pode ser sentida no termo malungo (SLENES, 1999).

A transnação é malungueira (irmanagem) e reflete a ontologia do Caboclo em sua presença marcante em todas as nações de candomblé. A pedagogia cabocla é a ação da transnação vista no ser-comunidade transdito no Caboclo. O Caboclo chega no congo-angola, no jeje e no ketu, se adequa às normas dos mais variados terreiros e colabora com sua edificação. Assim como Exu se apresenta nas encruzilhadas tratadas como realidades filosóficas, o Caboclo cria uma pedagogia específica baseada na fala (próxima da perspectiva psicanalítica) e traz em si as interferências culturais e espirituais de todas as nações sendo a entidade genuinamente transnação no cotidiano ancestral dos terreiros.

O caboclo ensina a sentir. O Abraço dado de bom coração. Sente na salva e agradece nela também. O sentir no Caboclo é ter a cosmopercepção que nos prepara para a vida, nos instrumentaliza à intuição e a composições analíticas baseadas na sabedoria que a ancianidade dá. O sentir no Caboclo se cruza com esta fala literária de Clarice Lispector:

O hábito tem-lhe amortecido as quedas. Mas sentindo menos dor, perdeu a vantagem da dor como aviso e sintoma. Hoje em dia vive incomparavelmente mais sereno, porém em grande perigo de vida: pode estar a um passo de estar morrendo, a um passo de já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso prévio. (LISPECTOR, 1999, p. 25)

Assim, acessar o Caboclo é ter saúde existencial. E acessar Exu é perceber as reentrâncias que dominam nossa vida e nos encaminha ao cumprimento do nosso destino. Sentir é uma ferramenta ancestral afroindígena que nos permite estar atentos às complexidades que envolvem nossa vida individual e coletiva.

Azuelas finais

“Eu canto para a rua/ Porque eu amo a rua/ Ai que rua, ai que rua/ Eu canto para o vento/ Porque eu amo o vento/ Ai que vento, ai que vento/ Eu canto para o mar/ Porque eu amo o mar/ Ai que mar, ai que mar”. Esse sucesso feito por Carlinhos Brown, Canto pro mar (BROWN, 1993) e veiculado pela Timbalada,

espelha as epifanias espirituais espraiadas pela força que os terreiros tiveram e têm na história cultural deste país. A relação com os caminhos e com a natureza. Somos frutos de uma cultura popular vastíssima e marcada pelas predominâncias negroafricanas e indígenas. Temos o território do terreiro, espaços espirituais dedicados aos cultos das chamadas religiões afro-brasileiras ou de matrizes africanas, que é desconsiderado em sua sacralidade e vilipendiado, diuturnamente, por conta do racismo religioso e dos preconceitos sociais ocasionados pelo elitismo, aparofobia, academicismos.

Caminhamos agora para conta outra história e demonstrar com nossos estudos a força civilizacional das nossas culturas afroindígenas e o quanto elas interferiram e interferem em nossas artes, ciências, religiosidades, economias, culinárias e modos de vida. O Exu tem se tornado hoje o orixá mais comentado e adorado pelos jovens, sua importância que sempre existiu vem revestida agora desta desassociação com o diabo que o tornou o orixá mais maltratado, ao longo de séculos, mais desprezado e entendido como uma força maléfica que move os humanos. Exu é divindade, senhor dos caminhos e da alegria, mas também é filosofia, epistemologia e pedagogia que nos ensina através das encruzilhadas. O Caboclo tão secundarizado pelos de fora e os de dentro do candomblé, tem ocupado a sua centralidade em todas as nações, caboclo é construtor de terreiros, é a expressão em movimento da transnação, e atua usando isto que chamei aqui de pedagogia cabocla.

Para ter essas experiências de perto, precisamos ir aos terreiros, cosmoperceber sua complexidade, seus desafios e, mais que tudo, suas possibilidades que nos instrumentalizam de tecnologias para enfrentar os desafios contemporâneos que traz a assertiva de que só haverá futuro com a nossa entrega à ancestralidade.

Referências

AMADO, Jorge. **Guia de ruas e mistérios: Bahia de Todos os Santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU Editora, 2023.

BRITO, Mawó Adelson de. **Exu: Esú Elegbara é Vodun Legbá**. Salvador: Press Color, 2018.

BROWN, Carlinhos. **Canto pro mar** (canção). Álbum Timbalada (Salvador da Bahia). Universal, 1993.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. **O livro africano sem título: Cosmologia dos Bantu -Congo**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2024.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **As palavras e o tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2021

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MACHADO, Vanda. **Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias**. In: ENECULT: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 6., 2010, Salvador-BA. *Anais eletrônicos...* Salvador: Facom-UFBa, 2010. <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MARCOS, Marlon. **Entre o jocoso e o sagrado: cânticos, sotaques e ensinamentos de caboclo em candomblés de Salvador**. Salvador da Bahia: KAWO-KABIYESILE, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Sobre os candomblés como modos de vida: imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis**. Ensaios Filosóficos, Rio de Janeiro, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira**. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, v. 18, p. 28-47, 2012.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Iyá Zulmira de Zumbá: uma trajetória entre nações de candomblé.** 2016, 191f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2019.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia.** Salvador da Bahia: Sarah Letras, 1995.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Exu: um deus afro-atlântico no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil Sudeste, século XIX.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1999.